

Narrativas de experiências formativas entrecruzando Música e Inclusão

Trabalho resultante de pesquisa realizada por aluno do doutorado

Juliane Riboli Corrêa

Universidade Federal de Santa Maria
julianeribolicorrea@yahoo.com.br

Ana Lúcia de Marque e Louro-Hettwer

Universidade Federal de Santa Maria
analooock@hotmail.com

Resumo: Este artigo é resultado de parte da pesquisa de Doutorado, encerrada em 2018, intitulada narrativas de um caminhar para si com os outros: Experiências formativas inclusivas junto a um grupo de estudantes de Música, cujo objetivo centrou-se em investigar como experiências formativas de inclusão construídas em um grupo de formação com estudantes de Música pode potencializar a construção de paradigmas e práticas inclusivas. Os objetivos específicos foram: entender como um grupo de formação de alunos da Música, mediado por experiências inclusivas, constitui-se em dispositivo de aprendizagem; compreender a percepção dos alunos acerca da educação e práticas inclusivas; pesquisar as formas de potencializar a inclusão a partir do trabalho com Música. Como aporte metodológico trouxe a pesquisa-formação fundamentada em Josso (2004, 2010a, 2010b), articulada às narrativas dos participantes da pesquisa que foram registradas através das discussões em aula, com diários de aula, filmagens e gravações de voz. Os participantes da pesquisa foram 25 alunos do Curso de Música (Em suas diversas modalidades), os quais efetivaram sua matrícula em duas disciplinas ofertadas como DCGs em dois semestres subsequentes. Neste artigo abordarei apenas uma parte da tese que versa a respeito de nossas experiências formativas a partir de uma intervenção prática realizada em uma escola especial. Os aprendizados construídos foram de inúmeras ordens musicais e inclusivas. Dentre todas as conclusões, saliento duas delas: A inclusão possui várias formas e ângulos e depende muito mais de questões humanas do que técnicas. A Música, nesta perspectiva, é uma construção humana e potencializa práticas inclusivas.

Palavras-chave: Música; intervenção; práticas inclusivas.

Introdução

Pensar as diversas formas de entrecruzar Música e inclusão sempre foi o desafio que move minha razão e emoção, não apenas por serem estas as duas áreas que me instigam

profissionalmente e humanamente, mas por perceber a potência que uma representa para a outra em suas diversas dimensões.

Assim sendo, me propus, em minha pesquisa de doutorado, desafiar-me a pesquisar junto a um grupo de estudantes de Música, possibilidades de construirmos experiências formativas musicais inclusivas. No primeiro semestre de 2017, formamos um grupo que se tornou dispositivo de reflexões e elaborações teóricas e práticas unindo a Música e a inclusão de todos.¹ Ao findar este semestre, sentimos necessidade de prosseguirmos em nossa caminhada e buscarmos intervenções práticas para ratificarmos nossas conclusões construídas subjetivamente. Então, no segundo semestre, realizamos duas intervenções: A primeira em uma escola especial que atende, além do público alvo da Educação Especial, pessoas com transtornos de personalidade. A segunda intervenção efetivou-se em uma escola indígena da aldeia Guarani. Neste artigo, versarei apenas a respeito da primeira intervenção.

O aporte metodológico que baseou este trabalho foi a pesquisa-formação fundamentada em Josso (2010). As narrativas orais e escritas dos alunos foram os instrumentos utilizados para a produção dos dados e estes foram registrados através de diários de aula, gravações e filmagens. Os participantes da pesquisa foram 25 alunos do curso de Música² que matricularam-se em duas Disciplinas Complementares de Graduação (DCGs) nos dois semestres de 2017.

De antemão esclareço que, para melhor compreensão dos leitores, utilizei de siglas para designar os participantes da pesquisa, sendo o “P” para “Participante” e a letra da inicial do seu nome e, se necessário, o seu sobrenome associado caso houver letras iniciais repetidas, mantendo assim, o anonimato dos alunos do grupo envolvido. Para as narrativas orais trago as siglas NO e para as narrativas dos diários ND.

A seguir, passo a narrar a experiência formativa na Escola Especial a qual representou um momento charneira³ para mim e, segundo as narrativas apresentadas, de todos os

¹ Menciono que este trabalho não buscou apenas discussões a respeito do público alvo da Educação Especial, mas abarcou uma grande diversidade de situações e pessoas que, em suas diferenças, são alvos da exclusão/inclusão.

² Bacharelados e Licenciatura

³ Segundo Josso (2010), são experiências que transformam o curso de nossa vida.

participantes desta pesquisa, constituindo-se um novo olhar acerca do respeito às formas de querer e decidir ser e estar no mundo de cada pessoa.

Os caminhos da pesquisa-formação e narrativas

Ao considerar a necessidade de estar atenta às perspectivas dos participantes, suas práticas, interpretações, movida pelo desejo de estar plenamente envolvida nesta pesquisa como integrante do processo de formação, elegi a pesquisa-formação, pois compreendo que a partir dessa, a pesquisa transforma-se em momento de opção por caminhos, em fazer escolhas que se amparam nas experiências pessoais e nas expectativas de cada um, podendo potencializar um ‘caminhar para si’ enquanto é gestada a formação.

Qualificamos esse cenário de “pesquisa-formação” porque a atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano de aprendizagens reflexivas e interpretativas e toma lugar, no seu percurso de vida, como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto (s) de vida e sua(s) demanda(s) de formação atual (JOSSE, 2010b, p. 71).

Para Josso, a experiência formadora “simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades” (2010b, p. 48). Para ela, há uma distinção entre vivência e experiência. Vivências são aquilo que ocorre, acontecimentos do dia a dia e que vivemos ao longo de nossas vidas. As experiências vão além, pois ocorrem quando construímos uma reflexão sobre o que aconteceu e que sentidos damos a tais experiências. Daí advém outro importante conceito ao falar-se em experiências formativas que é o de “momentos ou acontecimentos charneira”, aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas” (nas palavras da autora, 2010b); acontecimentos que separam, dividem, articulam as etapas da vida. Neste sentido, a concepção de formação para Josso é como uma busca da arte de viver em ligação e partilha, experiências que se potencializem em “acontecimentos ou momentos charneiras”.

Com estas premissas fundamentadas no pensar de Josso e as contribuições das narrativas, trago a minha pretensão nesta pesquisa, compartilhando de seu pensar,

objetivando estar imersa como autora, leitora, ouvinte, pesquisadora e pesquisada, num processo de experiências, histórias pessoais de vida e formação, e assim, conectei-me com as pluralidades e singularidades, percorrendo, em conjunto com os outros participantes da pesquisa, um caminho de busca de si na formação e, assim, encontramos juntos possibilidades do saber fazer e refazer constantemente.

O caminho proposto pela pesquisa-formação para a produção de dados são as Narrativas Orais e as Narrativas do Diário de aula, as quais permitiram uma construção conjunta de saberes baseada em reflexões, planejamento, problematizações a respeito da formação, pois permitiu explicitar a singularidade e, assim, “vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos em busca de uma sabedoria de vida” (JOSSO, 2010b, p. 17).

Desta forma, as narrativas aqui são vislumbradas como forma de construir conhecimento sobre si, sobre o outro e sua relação com o mundo.

As narrativas passam assim a serem percebidas como atos de significação, de onde emergem valorações, compreensões de mundo, percepções de experiências, atitudes, recordações e desejos, passíveis de interpretação, tanto pelo sujeito que escreve, quanto pelo pesquisador que nelas busca compreender a vida individual e coletiva que emerge do mundo da vida em suas variadas nuances (ABRAHÃO; PASSEGI, 2012, p. 25).

Optar pelas narrativas como potenciais para produção de informações torna-se uma tentativa de compreender a maneira pela qual as pessoas, ao narrarem suas histórias para si mesmas e para os outros, “dão forma às suas experiências, sentido às situações e aos eventos da sua existência, representam e inscrevem o curso de suas vidas nas temporalidades e espaços de seu ambiente histórico e social” (DELORYMOMBERGER, 2012, p. 17).

As narrativas das histórias de cada participante, bem como de suas experiências na pesquisa possibilitaram perceber caminhos percorridos em sua formação. Conhecer o caminho e as construções realizadas, no caminho que percorremos juntos, foi imprescindível para compreender a formação mais profundamente.

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de

evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação. O trabalho sobre essa subjetividade singular e plural torna-se uma das prioridades da formação em geral e do trabalho de narração das histórias de vida em particular (JOSSO, 2010b, p. 28).

Desta forma, ao considerar as narrativas dos envolvidos na pesquisa, pude compreender sua forma de ser e estar, os saberes que construíram de forma individual e coletiva e ainda mais, tornando conscientes seus questionamentos, problematizações, desejos, anseios e entendendo o caminho que percorreram.

Da teoria à prática musical inclusiva

Como mencionado anteriormente, no primeiro semestre de 2017, nossos encontros fundamentaram-se em discussões teóricas acerca da inclusão sob diversos ângulos. No segundo semestre sentimos a necessidade de que esta teoria fosse vivenciada com práticas musicais que potencializassem a inclusão. Foi então que nos decidimos por duas visitas: A primeira em uma escola especial e a segunda em uma aldeia indígena. Escolhemos essas, em razão de nossas discussões anteriores. O que narro a seguir, refere-se à visita na escola especial.

Nos preparamos muito para a visita à escola especial. Depois de muito discutirmos se queríamos um trabalho pedagógico ou uma apresentação musical, chegamos à conclusão que na verdade queríamos uma intervenção, ou seja, estarmos lá com algo previamente pensado, mas abertos para aprender e para trocar de rumo caso assim fosse necessário.

As nossas conversas a respeito do que pretendemos tem dado o que falar. Seria uma atividade musical ou pedagógica musical? Queremos nos apresentar ou realizar uma atividade de recreação? O que queremos? Concluimos que queremos estar lá. Levaremos a proposta de algumas canções, (Asa Branca, Beijinho Doce, Hei dor, Canto Alegretense, Menino da

Porteira, Céu, sol, sul) mas esperamos poder interagir com eles, cantar, brincar, dançar, nos relacionar, experimentar! (ND, Juliane, 24/09/2017)

Estamos ansiosos pelo dia de nossa ida na escola especial. A professora nos contou um pouco sobre como funciona e isso atizou minha curiosidade não só de como vai funcionar, mas principalmente de como irei me sentir. Nunca estive em um local com pessoas tão diferentes, não sei exatamente como interagir, se irão me permitir, se algum pode ter uma crise, um surto. Não é um universo comum para nós e os medos existem. (ND, PDF)

A gente tem que estar atento para a abertura que nos derem. Sem impor nossa presença, pois eles já tem uma rotina e não nos conhecem. (NO, PDI)

Levamos estas Músicas, mas vamos ver o que eles gostam e aí a gente toca.(NO, DF)

Percebi que mesmo tendo trabalhado teoricamente a respeito do público alvo da Educação Especial e dos transtornos mentais, estavam inseguros em relação a como agir, de que forma interagir. A prática, o desconhecido e os estigmas os desafiavam.

Pensamos em músicas que pudessem agradar aos alunos. Conhecendo o perfil de pessoas que encontraríamos, pensamos em fundamentar nosso repertório em músicas conhecidas, antigas e consideramos também não apenas trabalhar o que a mídia comercializa, mas trabalhar canções de outra ordem, a fim de ampliar sua apreciação musical.

As canções escolhidas variam de MPB, sertanejas e gaúchas. São 7 canções selecionadas por eles. Curioso esta geração... de olho no celular, pesquisando músicas possíveis, tonalidades, letras. A tecnologia muito bem usada e trazida para nossas aulas, contribuindo com nossa pesquisa. Rapidamente tínhamos o que precisávamos. Nas aulas seguintes em que ensaiamos, levei as músicas escolhidas em folhas xerocadas. Grande equívoco! O celular era o recurso usado. (ND, Juliane, 28/09/2017)

Acho que a gente precisa pensar em despertar o interesse deles por nossa atividade e respeitar o que gostam, mas também levar músicas bacanas. (NO, PDI)

Seria interessante ter uma conversa com eles primeiro, nos apresentar e tal e no meio das músicas explicar cada instrumento, a história, do que são feitos, o que acham? (NO, PA)

Acho que o mais legal é a gente interagir e ir sentindo o que eles nos permitirem (NO, PIH).

Assim, gradativamente fomos construindo a nossa prática. No primeiro dia de ensaio, solicitei que trouxessem seus instrumentos a fim de que pudéssemos ensaiar e saber o que cada um toca. (violão, cavaquinho, piano/teclado, bumbo, chocalho, flauta doce, escaleta, flauta transversa e gaita).

Entrei em contato com a escola e marcamos às 10:30 horas para iniciarmos a atividade, para a imensa alegria dos alunos e da diretora que ficou muito feliz com nossa ida. Combinamos que eu viria até a UFSM para buscar quem não tem carro e os colegas que sairiam da Universidade e que tem carro, também se ofereceram para levar aos demais. Nos dirigimos em quatro carros até a escola e lá encontramos com mais dois colegas. Faltou o aluno PG, que em momento posterior explicou que:

Não fui por que não gosto desse tipo de ambiente e tal. Mexe comigo negativamente. (NO, PG)

Percebi na fala do PG, uma certa resistência. Algo o impediu de ir adiante em nossa prática. Fico triste em não poder ajuda-lo mais. (ND, Juliane, 20/10/2017)

Ao adentrarmos no espaço da escola, o agrupamento de homens grandes e duas mulheres pequenas (eu e a PDF), com instrumentos musicais, impactou. Os alunos estavam reunidos no refeitório e esticavam seus pescoços e seus olhinhos para nos ver. Nos colocamos junto deles, deixando espaço para que pudessem nos ver e executar danças, interagir. Fiquei orgulhosa da postura e da forma como os alunos do curso de Música se disponibilizaram a estar com os alunos da Escola. Estavam abertos, alegres, camuflaram sua ansiedade e curiosidade e as reverteram em simpatia e acolhimento. Da mesma forma fiquei orgulhosa dos alunos da escola, por sua alegria, disponibilidade em participar, em nos receber em sua casa. Foi realmente algo marcante e constituinte de grandes experiências.

Profe, gostaria de conhecer a todos e queria que eles soubessem quem nós somos. Podemos nos apresentar? (NO, PDI)

Todos apresentaram-se. Os alunos que me acompanhavam disseram seus nomes e que instrumentos tocavam e os alunos da escola disseram seus nomes, alguns não conseguiram se expressar por várias razões. E assim começou nossa experiência. Com alegria, entusiasmo e entrosamento. Começamos tocando “Asa Branca” e os alunos da escola, além

de cantar, dançavam, faziam gestos, se juntavam em duplas, trios. Conforme íamos tocando, cantando, explicando os instrumentos, a nossa parceria era acrescida. Uma aluna quis declamar uma poesia, outro solicitou uma música sertaneja atual, o outro solicitou que tocássemos Anita.

PDI, PDW, PP, PAR dançaram com os alunos enquanto cantavam, interagiam com todos. Foi incrível! PC ficou no centro, com sua gaita magistral, puxando aos outros. PDF e PIH cantavam e sorriam, interagiam com os alunos. Quando paravam de tocar, os alunos pediam mais. Dessa forma fomos até ao meio dia. Que dia! (ND, Juliane, 23/12/2017)

Enquanto eu viver, jamais esquecerei do que vivemos. Hoje tive a oportunidade de ver pessoas com limitações e eu pude pensar nas minhas e no que faço para usar minhas habilidades. Pude ver pessoas que não estão definidas ou retidas por suas deficiências, mas como diz a profe, pude ver hoje, suas eficiências e me encantei por elas. (ND, PIH)

Não tenho como negar que antes de irmos para a escola eu estava bem nervoso. Não sabia como seria. Mas os alunos nos deixaram muito à vontade, foram parceiros, foram amáveis e abertos. Eu me senti incluído. (NO,PP)

Esta é a realidade. Nos sentimos incluídos. Como fomos pretensiosos em afirmar que a nossa Música promoveria a inclusão. A realidade é que nós estávamos excluídos e pudemos ter o privilégio de sermos incluídos em sua rotina, em suas vidas, pelo menos por um dia.

O sentimento de alegria e de realização de nos sentirmos incluídos, nos sentirmos parte de uma experiência transformadora uniu, não só nossas narrativas como também nossos sentimentos de que algo importante nos aconteceu, nos cercou, nos envolveu.

Olha, foi uma experiência muito significativa em minha vida. Compreendi o grande preconceito que envolve a vida de pessoas que sofrem pelo egocentrismo de quem acha que é melhor que os outros. Por exemplo, aquela aluna cadeirante, que ria, dançava na cadeira e cantava... fico pensando como alguém pode querer excluir? Um ser lindo? (NO, PDF)

Bah, eu amei essa experiência. Vivi um dia de muito aprendizado. Talvez tenha aprendido mais naquelas horas do que em anos. Participei de algo realmente grande, posso dizer isso agora. Trazer a Música como uma inclusão para todos nós, fomos alvos da inclusão de várias formas. (NO, PW)

Achei o máximo ver os gurus dançando com eles, ou com os cadeirantes, me diz o que foi a gurua que declamou e aquele que quis tocar a escaleta. O que tocou o pandeiro tem mais ritmo que eu, cara. Foi demais. Tenho certeza que

a visão de todo mundo aqui está diferente. A partir de agora seremos pessoas que apostam nas pessoas e nas diferenças. (NO, PD)

Aprender a conviver significa respeito e abertura para as relações humanas, significa habilidade pessoal de permitir a aproximação e não o afastamento do outro, através da empatia, do respeito, das formas alternativas de vida, da escuta, do diálogo, do interesse, tendo sempre por base o envolvimento com a diferença sem qualquer preconceito, pois este pressupõe, mesmo que de forma inconsciente, que há seres inferiores, menos inteligentes e capazes, mais preguiçosos, menos confiantes ou confiáveis.

Acredito na potência do que vivemos para as futuras ações destes músicos, seja nas salas de aula ou na vida. A certeza de todos os que viveram aquele momento terem sido incluídos, respeitados em suas diferenças e unidos por ela, trouxe a perspectiva de que precisa tão pouco para a inclusão. A diferença nos torna iguais. Além disso, constatei que a Música não inclui de um só lado, inclui em todas as direções. Ela é do ser humano, seja ele de qual raça, credo, ou cultura for.

Considerações finais

Nesta experiência formativa de adentrarmos o espaço de uma Escola Especial, nos vimos alvos da necessidade de sermos incluídos. Tínhamos a pretensão de “possibilitarmos” um momento de inclusão a partir da Música. No entanto, saímos desta experiência nos percebendo pretensiosos em relação a nossa suposta superioridade. Percebemos o quão era importante o acolhimento dos alunos da escola a todos nós.

Crescemos muito com a diversidade que tivemos no grupo e na visita que fizemos. Pudemos ser incluídos em situações em que pretensiosamente, a sociedade chama de excluídos, à margem. Pois nós fomos incluídos, por pouco tempo, mas fomos, nestes espaços de pessoas segregadas. E o que descobrimos? Descobrimos que nestes lugares, há acolhimento, partilha, aconchego, objetivos comuns, amorosidade, cuidados de si e dos outros, confiança, inclusão. Nestes lugares não sentem a exclusão que sentem fora dali. Encontraram suas referências, suas raízes e são respeitados em suas diferenças,

potencialidades e necessidades, sem julgamento, mas por respeito e amor. Portanto, lugares segregados da sociedade que promove a inclusão dos seus dentro do seu espaço.

Desde o princípio desta pesquisa, o que se pretendia era que se constituísse um grupo de formação que fosse dispositivo de experiências formativas inclusivas a partir do entrelaçamento com a Música. Encerro com a certeza de que este objetivo foi científica e humanamente cumprido e estas experiências formativas mudaram percursos de vida, formas de ser, estar, ver, conceber, incluir.

O que vivemos nos ensaios, nas aulas, foi extremamente marcante em vários sentidos: Suas discussões, sua maturidade, seu discernimento, sua necessidade de ser ouvido e visto, sua inteligência e criatividade, amorosidade uns com os outros, respeito.

Além disso, me impressionou sua relação com a Música. Um cuidado com o que fazem dela e com ela. Amor pelo que fazem que transcende suas falas, está em seus corações e chega em suas ações. Estes alunos que comigo percorreram este caminho, acariciam a Música, tocam nela com preciosidade e zelo. Fizeram de nossos ensaios pequenas obras de criatividade, expressão e excelência nas execuções. Jamais se permitiram sair para uma intervenção sem preparação, preocupação em levar o melhor para quem os ouve e contribuir para que tivessem Música bem executada, harmoniosa, prazerosa de ser ouvida, sentida, vivida.

A Música como área do conhecimento, linguagem e expressão, arte que potencializa o desenvolvimento humano, pode tornar-se mediadora de práticas inclusivas em vários âmbitos e enfoques. Além de agregar por sua estética, não separa por gostos, mas possibilita a inclusão de todos em sua forma de expressão musical. Medeia as possibilidades de trabalhar a inclusão de pessoas diferentes por ter como princípio o respeito às diferenças de quem aprecia, executa, compõem, enfim, está em contato com o fazer, ouvir e saber musical. Ela está para todos e é um constructo humano de suma importância na efetivação das relações humanas, linguagens e respeito a todos. Não por sua utilidade, mas simplesmente por ser Música.

Além disso, o encontro que tivemos foi possibilitado pelo que nos uniu: A Música. Esse é o elemento chave, o interesse a nos agregar. Portanto, foi a Música que nos incluiu na vida uns dos outros. Outro enfoque inclusivo que a Música possibilitou neste trabalho.

Encerro minhas considerações afirmando que este trabalho é resultado de duas grandes paixões que tocam minha alma, coração e mente: A Música e a inclusão. Em minha vida, elas sempre andaram juntas e nunca foi difícil para mim, perceber o que uma representa como potência para a outra. A Música ganha com a Inclusão no sentido pedagógico, humano, em colaboração, composição, execução, parcerias, técnico. A inclusão ganha com a Música pois esta potencializa processos inclusivos, sempre reiterando que a inclusão é um paradigma, um processo que ocorre de dentro para fora e não ao contrário. Ninguém constrói a inclusão nos outros. Mas se pode mediar, refletir, potencializar. Mas o pensar e o agir inclusivo, vem de dentro e depende de cada um.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B.; PASSEGGI, M. C. (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EdIPUCRS; Salvador: EDUNEB. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais. v. 1 Tomo I, 2012).

DELORY-MOMBERGER, C. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Trad. Carlos Galvão Braga, Maria da Conceição Passeggi, Nelson Patriota. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

_____. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359- 371, maio/ago, 2006.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EdipucRS, 2010a.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010b.